

**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL - PET- HISTÓRIA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DO PONTAL – FACIP / UFU**

**CARTA CONVITE**

Em diálogos: experiências étnico-culturais.

A concepção deste evento nasceu em setembro de 2016 durante a realização do encontro "*Estratégias de contra hegemonia: a criação e o fortalecimento de territórios como projeto emancipatório*". Naquela ocasião se fizeram ouvir vozes eloquentes de integrantes de variados segmentos étnico-culturais que compartilharam vivências do cenário de suas lutas na América Latina. Nesse encontro foram discutidas as variadas formas pelas quais a colonialidade do poder continua operando na América Latina, assim como diferentes aspectos de processos de descolonização decorrentes das iniciativas de diferentes atores que ousam pensar alternativas emancipatórias para povos do campo e da cidade.

Para este segundo momento mantivemos o intuito de dialogar, mas sobretudo "*aprender a ouvir vozes e experiências* recorrentemente silenciadas. *Pretendemos invocar a prática de exercícios cotidianos de descolonialidade*, no sentido de aprender a desaprender o que tem sido ao longo de 500 anos incutidos em nossos corpos e mentes. Não se trata de lutar por equidade ou justiça social, uma vez que o buscar reconhecimento frente ao outro já lhe outorga, de partida, uma condição de superioridade. Nem de buscar meramente modos de lograr a inserção de direitos nos quadros do ordenamento jurídico, uma vez que tal efetivação se circunscreve na armadilha, que visa, ao incluir, excluir, ao aplacar, por exemplo, a força criativa da multidão residente no corpo dos movimentos sociais.

O objetivo do evento se pauta naquilo que Catherine Walsh (2009) postula em termos de uma interculturalidade crítica, que se distancia da perspectiva multiculturalista de cunho liberal que tomava por eixo as diferenças culturais e apontava meramente para necessidade de reconhecimento e inclusão de suas mais diversas manifestações. Sob o prisma da interculturalidade crítica, nos é possível perceber que diferenças foram criadas pela colonidade/modernidade europeia, e não se referem apenas a padrões culturais, mas se pautaram na racialização de corpos, saberes, fazeres e viveres. A interculturalidade crítica parte de construção de baixo para cima, ou seja, não tem como centro de irradiação o Estado, mas os membros de movimentos sociais que por meio de insurgências políticas delinham seus projetos a partir de potências que existêntes em suas vivências e erigem conhecimentos práticos.

Aprender a ouvir as vozes provenientes dos membros dos movimentos sociais trona-se extremamente proveitoso àqueles que se mantém reclusos à vida acadêmica, uma vez que a insurgência política de tais movimentos configura-se também como uma insurgência epistêmica, “não só por questionar, desafiar e enfrentar as estruturas dominantes do Estado – as que sustentam o capitalismo e os interesses da oligarquia e do mercado – mas também por por em questão lógicas, racionalidades e conhecimentos distintos que fazem pensar o Estado e a sociedade de maneira radicalmente distintas” (Walsh, 2009, p. 135, tradução nossa), uma vez

que são pensadas diretamente do local de enunciação que Mignolo define como o da “diferença colonial”.

Este evento busca referências no pensamento descolonial, uma vez que considera suas proposições inspiradoras para o processo de aprender a pensar e agir, bem como recuperar saberes e fazeres dispersos e subalternizados na lógica que se tornou aparentemente hegemônica na sociedade contemporânea. Dentre as perspectivas previstas na programação do evento, pretende-se abordar a concepção de interculturalidade crítica, por meio da qual espera-se: aprender a ouvir, reconhecer e respeitar lugares de fala e experiências étnicas culturais de sujeitos marginalizados, "subalternizados", provenientes de diferentes segmentos sociais/histórico/culturais.

Portanto, dentre as atividades previstas, ressalta-se como objetivo central pensar possibilidades de descolonização de conhecimentos a partir de diálogos com diferentes vozes subalternizadas, estimular iniciativas e ações entre os diversos projetos críticos políticos/éticos/epistêmicos, que apontam para um mundo pluriversal e não a um mundo universal.

Esse encontro tem duração de dois dias, o primeiro (24/11/2016) ocorrerá no espaço da academia (FACIP/UFU), momento profícuo para problematizarmos a condição deste espaço enquanto local de reprodução de saberes que sustentam relações de poder globais no âmbito do “sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal” (Grosfoguel,2008).

O segundo momento (25/11/2016) acontecerá em um acampamento de sem-terra (município de Gurinhatã, MG.), pois, reconhecemos a importância, sobretudo de comunidades marginalizadas pelas relações de poder globais, como espaço de formação política e de organização coletiva cotidianos articulados para o enfrentamento dos desafios diários.

### **Metodologia:**

Os responsáveis pela organização do evento convidarão pessoas e grupos (organizados ou não): afrodescendentes, indígenas, quilombolas, entidades religiosas, ciganos, sem-terras, assentados, artistas, dentre outras.

Os convidados/participantes no primeiro momento do encontro debaterão a programação prevista previamente pelos organizadores com vistas a propor adequações conforme suas experiências e compreensão de um formato que melhor contemplem as oportunidades de fala.

### **Cronograma:**

#### **Local: Facip /UFU**

Programação

24/11/2016 – Quinta-feira,

08:00 às 09:00 – Acolhimento.

09:00 às 11:30 – Conferência: A luta do povo quilombola e o combate ao racismo.

Convidado: Moacir Pinho de Jesus

11:30 às 14:00 – Intervalo para almoço

14:00 às 18:00 – Roda de conversa: Vozes e experiências étnicas culturais da exclusão como possibilidades de transver o mundo.

19:00 às 22:00 – Conferência: O movimento negro e a luta por terra e educação.

Convidado: Moacir Pinho de Jesus.

**Local: Acampamento Arco-Íris ou Assentamento Piedade (Gurinhata, MG. Brasil)**

25/11/2016 – sexta – feira,

09 às 09:30 – Acolhimento.

09:30 às 12:00 – Roda de conversa: A história da luta por terra, trabalho e liberdade.

Convidados: Integrantes de movimentos sociais e assentados pelo Programa Nacional de Reforma Agrária.

12:00 às 14:00 – Almoço coletivo.

14:00 às 16:00 – Socialização de saberes entre membros de movimentos sociais e quilombolas.

Convidados: Integrantes de movimentos sociais.

18:00 às 20:00 – Vivência Intercultural: relação entre campo e cidade.

20:30 – Encerramento: atividade livre.